



O misticismo erótico da poesia de Jayadeva

O poeta de Bengala cantou a fusão da sexualidade com a aspiração à união com a divindade

□ Por Renato Pompeu

A fusão do erotismo sexual com o misticismo religioso é uma característica de determinadas alas do hinduísmo e um dos exemplos mais marcantes disso é o poema épico-erótico *Gītāgovinda*, que em tradução literal significa "O Poema em Que o Vaqueiro é Cantado", mas que é mais conhecido no Ocidente como *A Canção de Amor do Senhor Morena*.

O autor é o poeta Jayadeva, que viveu no século 12 d.C. e que, de família brâmane, foi alto funcionário da corte do rei Lakshmanasena (reinou de 1178 a 1205), na região de Navadvīpa, em Bengala. Até hoje ocorre um festival anual na aldeia de Kenduli, onde Jayadeva nasceu, para celebrar o poeta, com a encenação da recitação do poema. Trechos do poema, em templos de toda a Índia, são entoados como hinos religiosos.

A obra relata o amor de Krishna, apresentado como um vaqueiro divino, encarnação do deus Vishnu, pela bela Radha, uma moça de uma família de vaqueiros terrestres. Mas a ansiedade amorosa é ao mesmo tempo expressa da como a aspiração da pessoa crente a fundir-se com a divindade.

O poema serviu de inspiração para vários artistas plásticos indianos, em especial no Rajastão, e o interessante, nessas obras, é que, enquanto Radha é apresentada como tendo tez bem clara, Krishna aparece com pele bem escura, praticamente negra. Cabe notar ainda que, juntamente com outras obras, o trabalho de Jayadeva, a partir do século 17 d.C., consta do cânone da seita Vaisnava-Sahajīya, para a qual a sexualidade tem um valor sagrado e mesmo místico, sendo "o amor de um homem por uma mulher que legalmente pertence a outro" eticamente e religiosamente superior ao amor conjugal. Seus membros cultuam Radha como o ideal de mulher, notando-se que, na obra de Jayadeva, ela é apresentada como amante, e não como esposa, de Krishna.

Mas vamos ao poema. Notando que Jayadeva era casado com Padmavati, mulher famosa por sua beleza, podemos ver, logo na primeira parte do poema, O Alegre Krishna, como o poeta se apresenta a si e à sua obra:

*Jayadeva, rei ambulante dos bardos,
Que canta aos pés de lótus de Padmavati,
Ficou obcecado em seu coração
Pelos ritmos da deusa da palavra
E fez esse poema lírico
A partir de contos sobre o drama apaixonado*

Quando Krishna amou Sri.
Em seguida, vejamos A Terceira Canção do poema, que deve ser cantada ao som da raga (ritmo indiano) "Vasanta" — mas devemos notar que, como se trata de uma canção, há um refrão, que fala do temperamento "pleno" da primavera, numa alusão ao fato de que esta é considerada a estação do amor em sua plenitude:

*Ventos da montanha de sândalo macio acariciam trêmulas vinhas de cravo
Cabanas na floresta murmuram com abelhas silvantes e cucos que gritam.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari (ou seja, Krishna) corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Mulheres solitárias de maridos que viajam deliraram em loucas fantasias de amor.
As abelhas enxameiam sobre flores amontoadas que enchem galbos de mimosa.*

*Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo*

Uma época cruel para amantes abandonados

*As folhas frescas das árvores de Tamala absorvem fortes aromas de almíscar de cervo.
As pétalas da árvore flamejante, unhas brilhantes do Amor, arrastam os jovens corações.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo*

Uma época cruel para amantes abandonados

Até hoje ocorre um festival anual para celebrar o poeta, com a encenação da recitação do poema. Trechos são entoados como hinos religiosos

*Os brilhantes pistilos da flor do açafreão são os cetos dourados do Amor.
Flores-trombetas, como abelhas perdidas, são setas na aljava do Amor.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Tenros botões de flores florescem em risadas enquanto as criaturas abandonam a modéstia.
Espinhos de cactos furam o céu para ferir as amantes abandonadas.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Aromas de trapadeiras entrelaçadas se misturam com perfumes de guirlandas novas.
Ligações íntimas com coisas jovens sobressaltam mesmo os corações do seremitas.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Mangueiras em floração estremezem com o abraço de vinhas que sobem.
A floresta de Brindaban é lavada pelas águas em meandros do rio Jumna.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*A canção de Jayadeva evoca a potente memória dos pés de Hari,
Que vão colorindo a floresta em meio ao temperamento da primavera acentuado pela presença do Amor.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

O vento perfuma as florestas com fino pólen Solto do jasmim recém-florido

*Enquanto sopra a fragrância de cacto do amor
Ao sentir o temperamento da união dos amantes
Para torturar todo coração que aqui ele toca.*

*Sons gritados de cucos, se amando em brotos de mangos
Sacudidos enquanto as abelhas buscam aromas de mel em botões que se abrem,
Fazem subir a febre nas orelhas de viajantes solitários —*

*De algum modo elas sobrevivem a esses dias
Ao sentir o temperamento da união dos amantes
Em momentos de êxtase na meditação.*

*Apontando para o vencedor de Mura (isto é, Krishna, que derrotou Mura) ali perto,
Que se deleita com seu jogo sedutor
De se abrigar no abraço de muitas mulheres.
A amiga de Radha canta para a fazer olhar para trás.
Ou seja, Krishna estava passeando pelos campos, dançando com as mulheres que encontrava, e por ali passaram Radha e sua amiga, a qual chamou a atenção de Radha para a beleza de Krishna. Mas vamos à Quarta Canção, que deve ser cantada ao som da raga "Ramakari":*

*Seda amarela e guirlandas de flores silvestres estão sobre a pele escura untada com sândalo.
Brincos de jóias balançando na dança ornamentam as faces sorridentes dele.
Quando o temperamento da primavera está pleno, Hari corre por aqui,
Para dançar com jovens mulheres, ó amigo
Uma época cruel para amantes abandonados*

*Outra jovem simples, seduzida pelo olhar de flecha dele,
Medita com propósito a respeito do rosto de lótus do assassino de Mathu (Krishna matou Mathu)
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras
Se deleita em seduzi-lo para tocar música.*

*Uma jovem com ancas curvas, inclinando-se para sussurrar no ouvido dele,
Impõe seu beijo querido na brilhante face de seu amante.
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras
Se deleita em seduzi-lo para tocar música.*

*Ansiosa pela arte do amor dele na margem do rio Jumna, uma moça
Tira a roupa de seda dele, com sua mão, e a joga em direção de um maço de canções.
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras
Se deleita em seduzi-lo para tocar música.*

*Hari aplaude uma moça bêbada de dançar no rito do amor,
Com salvas de palmas e o ruído de braceletes ecoando o tom baixo da flauta dele.
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras
Se deleita em seduzi-lo para tocar.
Ele afaga uma, beija outra, acaricia outra beleza morena.
Olha para os sorrisos sugestivos de uma, imita uma moça cheia de desejo.
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras*

*Se deleita em seduzi-lo para tocar.
O mistério maravilhoso do jogo sexual de Krishna na floresta de Brindaban
É a canção de Jayadeva. Que sua celebração espalhe os favores de Krishna!
Hari se deleita aqui enquanto a multidão de jovens encantadoras
Se deleita em seduzi-lo para tocar.*

*Quando ele apressa todas as coisas
Para criar a bênção no mundo,
Seus macios membros negros e sinuosos Iniciam o festival do amor
E belas vaqueiras de modo selvagem
O recebem em seus corpos.
Amigo, na primavera o jovem Hari toca
Como o temperamento erótico encarnado.*

*Ventos das montanhas de sândalo Sopram agora rumo aos picos do Himalaia,
Ansioso para mergulhar nas neves,
Depois de semanas em que se contorceram
Sobre seus ventres quentes as serpentes no solo.*

*Vozes melodiosas de cucos Erguem seu som alegre
Quando espiam os botões
Nas pontas dos lisos galbos das mangueiras.
Venos assim que a cena do flautista divino em meio às jovens vaqueiras não difere muito da que ocorreria hoje se um jovem guitarrista famoso vagueasse em meio a suas fãs. Mas, assim como uma das fãs logo se imaginaria a favorita, sentindo-se porém posta de lado diante do assédio das outras, o mesmo aconteceu com Radha. Podemos ver isso na Segunda parte, O descuidado Krishna, que tem a seguinte apresentação:*

*Enquanto Hari corria pela floresta
Fazendo amor a todas as mulheres,
A ligação de Radha a ele afrouxou
E a inveja a levou embora.
Mas para onde quer que fosse que ela tentas se retirar
No seu bosque de vinhas silvestres,
Sons de abelhas zunindo em círculos acima de sua cabeça
A depressam —
E ela contou à amiga o segredo.
Segue-se a Quinta Canção, a ser entoada ao som da raga "Gurjari" e na qual é Radha, e não mais o poeta, que fala:
Doces notas de sua flauta atraente ecoam o néctar dos lábios dele.
Os olhos dele sem repouso olbam, sua cabeça balança, os brincos brincam em suas faces.
Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*Um círculo de plumas de pavão acariciadas pelo luar coroa os cabelos dele.
Um arco-íris colore o fino pano em seu corpo negro como nuvem
Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

Beijar bocas de vaqueiras de ancas redondas acende a luxúria dele.

Sorrisos brilhantes relampejam a partir dos botões de flor vermelhos como rubi de seus doces lábios.

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*Vinhas de seus grandes braços vibrantes rodeiam mil vaqueiras
Raios de jóias de suas mãos, pés e peito iluminam a negra noite.*

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*A marca de sândalo em sua sobrancelha brilha mais do que a lua numa massa de nuvens —
Seu coração cruel é uma porta dura que machuca as aréolas de seus turgidos*

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*Brincos com jóias em forma de serpente meirinha adornam suas faces sublimes.
Sua roupa amarela que paneja é um cortejo de sábios, deuses e espíritos (trata-se das estampas na roupa).*

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*Me encontrando debaixo de uma árvore florida, ele acalma meu medo de tempos sombrios.
Deliciando-me profundamente ao olhar rapidamente para meu coração.*

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.*

*A canção de Jayadeva evoca uma imagem do belo inimigo de Mathu,
Digna de homens valorosos que guardam a memória dos pés de Hari.*

*Meu coração lembra aqui Hari em sua dança de amor,
Tocando sedutoramente, rindo, zombando de mim.
Mais adiante, assim como Radha se apaixonou por Krishna, este vai se apaixonar por ela.*

Mas o importante, além de se apreciar o erotismo dos versos de Jayadeva, é lembrar que, para muitos hindus, esses versos são versos de amor a Deus, como os de Santa Teresinha do Menino Jesus. (No Sábado que vem, comentários sobre a obra do monge budista japonês Kamo no Chomei, ou, em grafia ocidental, Chomei Kamo.)

Para muitos hindus, os versos eróticos de Jayadeva são versos de amor a Deus, como os de Santa Teresinha do Menino Jesus

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com>) e, entre outros, dos livros *Impressos Globalização e Justiça Social, ensaio econômico*; 2004 — O Admirável Mundo Neoliberal das Mulheres, ficção erótica, e *Um Dia no Mundo, romance "globalizado" que se passa em todos os países do mundo. Pode ser localizado no endereço eletrônico rpompeu@pompeu.com ou pelo telefone 011-814.8853.*